

O CONCEITO DE “UNIDADE”. A PLURALIDADE DO SINGULAR NAS IMAGENS DE CHIARA LUBICH¹

THE CONCEPT OF “UNITY”. THE PLURALITY OF THE SINGULAR IN THE IMAGES OF CHIARA LUBICH

Maria Helena Dias Rebelo²

Universidade da Madeira (FAH-DLLC/ CIERL)

CLLC-Universidade de Aveiro

helenreb@uma.pt

Ut omnes: “Um só corpo e uma só alma”

RESUMO: Chiara Lubich (1920-2008) é uma das figuras femininas mais marcantes do século XX italiano, mas a sua influência não ficou pelas fronteiras italianas, já que o seu carisma (a unidade) se abriu ao mundo. Ao Movimento dos Focolares que fundou, aderiram pessoas de praticamente todos os países hoje existentes, conferindo-lhe um cunho internacional, multicultural e multilíngue. Com particular relevância para a Linguística, em especial a Linguística Comparada e a Linguística Românica, a sua intervenção realizou-se essencialmente através da palavra, comunicada, oralmente e por escrito, em italiano, com traduções em muitíssimas línguas. Procura-se, através de alguns dos seus textos escritos, compreender as imagens linguísticas (construídas com os recursos estilísticos *comparações* e *metáforas*) que foram utilizadas para explicar a sua mensagem de modo simples a qualquer pessoa. Realçam-se, aqui, sobretudo, as imagens que usou para explicitar o conceito de “unidade” e chega-se à conclusão de que o singular “unidade” é apresentado como um plural. Designou-se este recurso pedagógico-linguístico de Chiara Lubich por “composição unitária”, revelando-se como uma pluralidade do singular.

PALAVRAS-CHAVE: conceito de “Unidade”; género gramatical: pluralidade do singular; composições unitárias.

ABSTRACT: Chiara Lubich (1920-2008) is one of the most outstanding female figures of the Italian 20th century, but her influence was not left by Italian borders, since her charisma (unity) opened up to the world. The Focolare Movement that founded joined people from every country that exists today, giving it an international, multicultural and multilingual character. With particular relevance to Linguistics, especially Comparative Linguistics and Latin Linguistics, her intervention was mainly carried out through the word,

1 Submetido em 30/09/2020 - Analisado em 12/10/2020

2 Professora Auxiliar da Universidade da Madeira - Portugal, FAH-DLLC- CIERL-

communicated orally and in writing in Italian, with translations in many languages. We seek, through some of her written texts, to understand the linguistic images (constructed with stylistic resources, and comparisons and metaphors) that she presented to explain her message (the charism) in a simple way to anyone. It is highlighted here, above all, the images that she used to explain the concept of “unity” and we concluded that the singular “unity” is presented as a plural. We called this pedagogical-linguistic resource of Chiara Lubich “unitary composition”, revealing itself as a plurality of the singular.

KEYWORDS: concept of “unity”; grammatical gender; plurality of the singular; unit compositions

1. 1. QUANDO O SINGULAR É PLURAL

Ao longo dos diversos níveis de ensino, os falantes de qualquer língua aprendem gramática e vão aprofundando esses conhecimentos, inclusive da língua materna, no decorrer da educação escolar formal. Na gramática latina, como o comprova qualquer compêndio, faz-se a diferença entre singular (sg.) e plural (pl.). Esta distinção de número é gramatical e subsistiu nas línguas românicas, nomeadamente no português (pt.) e no italiano (it.), devido ao modo como, culturalmente, capta-se a realidade do universo extralinguístico. Em Português, no nível morfológico, é essencialmente através do acréscimo do morfema [-s] que se reconhece um vocábulo plural, em oposição à ausência dele no vocábulo singular (sg: “mesa” – pl: “mesas”). Em italiano, existem dois morfemas (formas significativas) de plural que acumulam também o género: [-i] plural dos nomes masculinos e [-e] dos nomes femininos. Em ambas as línguas, todavia, o conceito de plural é o mesmo, conforme veremos a seguir. Os estudos comparados demonstram que o fenómeno sucede em diversas línguas românicas, comprovando-se em manuais de Linguística aplicada, bem como, nos dicionários técnicos existentes, até mesmo nos mais académicos e básicos.

Pegando, por exemplo, um dicionário escolar italiano como o *Bi Dizionario Italiano Linguistico e Grammaticale Pittano* das Edizione Calderini e num português como o *Dicionário Verbo Língua Portuguesa*, é possível encontrar definições bem simples para termos de alguma complexidade. Como se pode observar, nos sentidos gramaticais que interessam, as definições de pt. **singular** e **plural**/ it. **singolare** e **plurale** são inequívocas e seguem a mesma orientação (1 = sg. e 2 ou + = pl.):

singular 1 *adj. unif. [uniforme]* I. Que é um só ou que é relativo a um só (...) 4. Que indica uma [sic] só pessoa, animal, coisa em um conjunto de seres ou coisas como um todo (...). II. *n.m.* Categoria gramatical correspondente à flexão de número que indica apenas uma unidade (uma [sic] pessoa, animal, coisa, etc.) ou vários objectos como um todo. “João”, “gato” e “mala” são três nomes no ~, “Rebanho” é um nome colectivo no ~ .

plural 1 *adj. unif.* I. Diz-se do valor da categoria gramatical número, que refere quantidade superior a um, opondo-se a singular. “Mesas” é um substantivo ~. (...) [definição semelhante em II. n.m.]

singolare *agg.* Che concerne una sola persona, cosa o gruppo, individuale: casi singolari (...)/ **singolare** *v.* nome, aggettivo, verbo)

plurale *agg.* Che indica pluralità ; che si riferisce a più persone o cose // m. Il numero dei più.).

Portanto, semanticamente, a diferença parece evidente: o **singular** é igual a 1 (um) elemento e o **plural** corresponde a 2 (dois) ou mais elementos. Contudo, uma observação linguística pormenorizada revela que nem sempre é assim, porque há vocábulos que são singulares, mas correspondem a plurais. Este tópico ocorre, a título exemplificativo, no que a gramática, dita “tradicional”, designa como “nomes colectivos” que surgem, no referido dicionário de pt., com o exemplo de “rebanho”). Agrupam um conjunto (o singular) com, geralmente, um número, por regra, indefinido de elementos (o plural) de características iguais: rebanho-ovelhas, cardume-peixes, enxame-abelhas, olival-oliveiras, vinha-videiras, turma-alunos, etc.). Como se comprova pelo exposto, estas questões gramaticais de número, ou seja, de singular/ plural, poderiam levar muito longe, mas importa apenas concentrar a atenção num ponto: frequentemente, um nome no número singular é, na realidade, um plural, mas não é um “colectivo”.

Observando com alguma atenção tanto a língua italiana como a portuguesa (e poderiam incluir-se as outras línguas românicas), há nomes classificados como (autênticos) singulares, que, no fundo, são plurais e isso sucede em nomes singulares que não são considerados “colectivos”. No entanto, também eles correspondem a um conjunto, já que juntam vários elementos, tendo até características diferentes. Muitas vezes, os elementos constitutivos são em número limitado, mas são partes de um todo. Por exemplo, os seguintes casos são esclarecedores e sugestivos: sol-raios, mosaico-azulejos, família-parentes e comboio-carruagens. Na verdade, os primeiros nomes (antes do hífen) são classificados, morfológicamente, como singulares tanto na gramática portuguesa, como na italiana. Todavia, indicam, na realidade, a existência de um plural (os nomes indicados após o hífen). Passam a classificar-se como “**composições**” (cf. Tabela 1). No *Dicionário Verbo Língua Portuguesa*, para “composição”, aparece o seguinte sentido: “2. Conjunto de elementos ou partes que entram na constituição de um todo.”

Tabela 1: Possibilidades classificatórias do “Singular”

Número de elementos	Classificação	Exemplo
1 elemento	Unidade	“mesa”
1 conjunto de elementos iguais	Colectivo	“rebanho”
1 conjunto de elementos iguais ou diferentes	composição	“mosaico”

Consequentemente, o colectivo é diferente do plural porque, enquanto neste, os vários elementos são vistos separadamente, no colectivo, são unidos e tidos no seu todo, ou seja, a união dos elementos funde-os, fazendo com que criem uma realidade diferente da de cada elemento. Fica-se com a visão de conjunto. Relativamente às “**composições**”, enunciam-se no singular, embora designem plurais e não são considerados colectivos. No entanto, apontam, indubitavelmente, para uma pluralidade (dicionarizada assim no dicionário italiano referido: “**Pluralità** f. L’essere plurale // Il maggior numero // Maggioranza di voti // Molteplicità : *pluralità dei mondi*.”). São estes singulares (que juntam uma pluralidade), estas “composições”, que importa considerar porque remetem para a congregação de elementos, reagrupados, que podem ser iguais, mas também diferentes, sendo, como fica patente em alguns, em número limitado. Por exemplo, o vocábulo “mão” (singular) remete para a junção de cinco dedos diferentes (plural – ex.: os dedos da mão direita). É improvável pensar no nome “mão” sem querer mencionar os dedos que a compõem.

Esta reflexão linguística sobre a pluralidade do singular, que não se encontrou referenciada por nenhum linguista, surgiu, sobretudo, do estudo dos escritos de Chiara Lubich que vimos desenvolvendo (*vide* AA. VV., *Il dire è dare. La parola come dono e relazione nel pensiero di Chiara Lubich*). Enquanto professora do ensino primário (agora, 1.º Ciclo, em Portugal), esta autora italiana do século XX tinha uma formação pedagógica muito sólida e possuía ferramentas linguístico-pedagógicas para explicitar a qualquer pessoa (incluindo crianças), os conceitos mais difíceis. Nos seus textos (cartas, discursos, poemas, etc.), recorria, permanentemente, a recursos estilísticos como comparações (aproximação de duas realidades pela semelhança, usando um termo de comparação, nomeadamente “como”) ou metáforas (aproximação de duas realidades pela semelhança, não usando qualquer termo de comparação), em que sobressai esta questão da pluralidade do singular. Pretende-se retomar alguns desses recursos estilísticos da imagética que criou e que comprovam a competência linguístico-pedagógica de Chiara Lubich para a explicitação do conceito “unidade”. Procura-se demonstrar que, nos exemplos que usou, recorreu a singulares que são plurais, ou seja, a “composições” que funcionam enquanto tal, quer

no italiano, quer no português. A temática da pluralidade do singular parece estar já bem patente na Fábula Florida (*vide* A. M. Rossi, *Sui sentieri letterari della Favola fiorita*), um dos primeiros textos metafóricos de Chiara Lubich: terra (sg) – vasos de flores (pl) e céu (sg) – estrelas (pl).

2. UNIDADE: UM SINGULAR OU UM PLURAL?

O que é a “unidade” para Chiara Lubich? Esta é uma pergunta que exigiria uma resposta alongada, uma vez que a autora escreveu, ao longo de uma vida, acerca do tema, explicitando o modo como encarava o conceito. Porém, sendo o seu carisma, radicou-o no chamado “testamento de Jesus Cristo” (cf. Evangelho): fazer com que todos fossem uma só alma, isto é, o “*ut omnes*”: um plural num singular. Retomava a experiência dos primeiros cristãos, na expressão evangélica: “um só corpo e uma só alma”. Distingue-se, portanto, este sentido de “unidade” daquele que é defendido por quem tem a noção de que a “unidade” é que todos tenham o mesmo e estejam, basicamente, nas mesmas circunstâncias. Estar à frente de um movimento como o dos Focolares (a Obra de Maria) implicou gerir a comunicação, orientando-a para várias faixas etárias. Chiara Lubich, enquanto Presidente desta Obra aberta a todos, preocupou-se em fazer chegar a sua mensagem tanto às crianças como aos adultos, quer estes fossem extremamente graduados, quer não tivessem qualquer escolaridade. Sendo o carisma dela para qualquer pessoa, não poderia excluir ninguém, nem mesmo os não-crentes, nem os crentes de outras religiões. Isso é manifesto no que acabou por designar “os diálogos”. Queria que todos entendessem a sua mensagem e crê-se que a sua formação na área da Educação a levou a encontrar meios para que ninguém ficasse sem a entender. Tendo sido professora de crianças que davam os primeiros passos no mundo da alfabetização, ela sabia que era necessário simplificar, mas não alterar, os conteúdos ensinados. Portanto, estava habituada a falar para públicos diferentes, mesmo se mantinha a substância do que queria dizer. Por isso, ter uma espiritualidade com elementos teológicos tão complexos como o testamento de Cristo, a unidade, não a impediu de proclamá-la a todos para que fosse vivida no quotidiano concreto dos membros do Movimento.

Então, retomando a questão, mas sob outro ponto de vista: como explicou Chiara Lubich o conceito de “unidade”? Fê-lo com imagens, com composições, isto é, composições unitárias (um singular que é plural ou um plural que é singular dependem do ponto de vista: as partes ou o todo). A obra com esse mesmo título, organizada por Falmi & Gillet (2015:111-130) retoma, por exemplo, uma imagem essencial na linguagem de Chiara: a do **arco-íris** (um singular) que junta sete cores (um plural). Veja-se o próprio intitulado do capítulo: “*O arco-íris como expressão da vida de unidade*”. Aliás, é aí que também se encontra, além da explicação do que vai representar cada uma das sete cores, a indicação **ao corpo** (um

singular) e aos seus membros (um plural): “uma vez que somos membros de um corpo, a ação positiva ou negativa de um membro tem reflexo no conjunto” (2015:120). Estes dois exemplos (o do **arco-íris** e o do **corpo**, muitas vezes, qualificado de “místico”) correspondem às estratégias linguístico-pedagógicas de Chiara Lubich para a comunicação do carisma. Destinado este a qualquer pessoa, as motivações da fundadora tiveram permanentemente uma dimensão linguística. Aliás, falando de línguas, por opção, o italiano, a língua materna de Chiara, foi, e continua a ser, a língua de referência do Movimento, que desenvolveu uma dinâmica de tradução muito interessante porque a interpretação (tradução simultânea) e a tradução (escrita) foram impulsionadas e não há um evento sem contemplar esse plano, no sentido de assegurar que todos possam entender, na sua própria língua, a mensagem comunicada na língua materna da fundadora.

Logo, na linguagem de Chiara Lubich, observa-se uma preocupação em dizer com clareza: a mensagem a transmitir deve ser captada sem grande esforço e o uso dos recursos estilísticos, como as comparações e as metáforas, permitiam-lhe construir imagens fáceis de compreender. Foram um meio a que recorreu permanentemente. Chiara Lubich empregou comparações e metáforas (para desenhar imagens linguísticas), encontrando meios para “dar a ver” o que queria. Quem ouvisse ou lesse, visualizaria mentalmente porque as suas palavras remeteriam para uma realidade concreta do quotidiano, da vida. Assim, a “unidade” almejada por Cristo é a do carisma de Chiara Lubich e representa um singular constituído por vários elementos (um plural – todas as pessoas juntas), ou seja, o nome “unidade” não é um colectivo, mas é uma composição. É, portanto, um plural (semântico) contido num singular gramatical (morfológico).

3. AS COMPOSIÇÕES UNITÁRIAS DE CHIARA LUBICH

Chiara Lubich escreve: “Exemplos pequenos, mas úteis, iam-nos esclarecendo estes conceitos” (Lubich, 1989: 33-34), e os “exemplos” evidenciam, sobretudo, comparações que facilitam a compreensão: **os astros** - “O nosso destino é como o dos astros” (Lubich, 1998: 51); **um baloiço** - “abandonarmo-nos completamente como acontece em cima de um baloiço, quando, largados de um lado vamos totalmente para o outro lado.” (Lubich, 2008: 70); **a linfa** - a voz suave de Deus em nós (Lubich, 1998:152); **um diamante** - “é preciso isolar esta voz, como se extrai um diamante da lama, lustrá-la, exhibi-la, e doá-la no momento oportuno” (Lubich, 1998:152); **o fogo**³ - “É como o fogo que, alimentado com palha e outra coisa, arde; do contrário, se apaga” (Lubich, 1998:152); **a semente, a planta e a raiz** - “A caridade é semelhante a uma semente depositada por Deus na nossa alma; e, tal como a semente, se encontrar o terreno adequado, dá origem à pequena raiz e à plantazinha, assim também a caridade, na alma que corresponde, se manifesta de duas

maneiras: em amor a Deus (a raiz) e em amor ao próximo (a plantazinha).” (Lubich, 2013: 43-44); **a viagem de avião** - “fiz imediatamente no meu espírito uma comparação entre aquilo que é uma viagem de avião neste mundo, e aquilo que é a viagem da vida: hoje diria a «Santa Viagem».” (Lubich, 1985: 157-160) e **a bússola** - “pareceu-me compreender que também aqui era necessário fixar à partida, com precisão, a rota, o caminho da nossa alma, que é Jesus Abandonado. Depois, ao longo de todo o trajecto, fazer só uma coisa: permanecer-Lhe fiel.” (Lubich, 1985: 157-160).

Muitos outros exemplos se poderiam dar, tal é a riqueza imagética, sobretudo radicada na comparação, da linguagem espiritual de Chiara Lubich. Porém, as que interessam são as que explicam o conceito de “unidade” recorrendo a “composições”. A lista também é longa. Enunciam-se, apenas, quatro, tendo todas em comum o facto de corresponderem a um singular que comporta um plural: o todo e as partes. Estas, ligadas – “em unidade” –, formam uma “coisa só” vejam-se, a seguir, as descrições das imagens (a, b, c, d) e, em anexos, os textos onde estão inseridos.

3.1. a) O Sol e os seus raios

No singular “Sol” (representativo de Deus), manifesta-se a pluralidade dos raios solares. Com esta imagem, Chiara Lubich explicou a todos, desde crianças a adultos, a mesma ideia: a da unidade. A explicação é a da imagem do sol com os seus raios, já que cada pessoa tem o seu próprio raio de sol, de luz, no qual caminha ao longo da vida. Cada um com o seu, caminhamos lado a lado, juntos, unidos. Olhados em separado, cada um dos raios vale por si, mas, vistos em conjunto, são “uma coisa só”: Os raios partem do Sol que os agrega e não subsistem individualmente. De uma comparação, chega a uma metáfora, resultando daí a imagem dos raios de sol: “Deus era como o sol e a cada um de nós d’Ele chegava um raio: a vontade divina” (Lubich, 1989: 33-34). A própria autora encontra a diferença entre o singular e o plural, aproximando-os: “Único era o sol, vários os raios” (Lubich, 1989: 33-34). Escreve, em *Escritos espirituais I: A atração do Tempo moderno* (1998:36): “Infinito número de raios, todos provenientes do mesmo Sol... única vontade, específica sobre cada um.” Acrescenta: “Os raios, quanto mais se aproximam do Sol, mais se aproximam entre si. Também nós, quanto mais nos aproximamos de Deus, pela observância sempre mais perfeita da vontade divina, mais nos aproximamos entre nós.”, chegando, desta maneira, à unidade “Até sermos todos um.”, cumpre-se, com a imagem constituída por comparação e metáfora, o propósito de explicar o conceito de “unidade”, por meio do singular-plural (“infinito número de”, “Os raios” e “todos um”). Chiara Lubich retoma esta imagem, enquanto recurso estilístico, múltiplas vezes, nos seus discursos, porque ilustra com clareza o que pretende comunicar. Por exemplo, num Escrito de 27-10-

1947 (*Um Caminho Novo*, 2004: 40), a noção de “todos um” surge como “sermos todos uma coisa só”. A imagem evolui para a dos “pequenos sóis”, quando escreve “Também nós devíamos ser, na vida, amor: pequenos sóis ao lado do Sol”. Surge, deste modo, em *Um Caminho Novo* (2004: 42) a multiplicação do Sol em sóis .

3.2. b) O Mosaico e os ladrilhos

Provavelmente, uma das imagens de Chiara Lubich mais fáceis para se compreender o que é a unidade é a do mosaico:

“Através da caridade, os cristãos sentem-se incorporados em toda a humanidade, como pequenos ladrilhos de um maravilhoso mosaico, em parte já composto e em parte não.” (Lubich, 2001: 58-62).

Esta peça, que tem um desenho ou uma pintura, é constituída por pequenas peças. Estas são indispensáveis e representam as partes equivalentes a cada pessoa. Se um ladrilho se partir ou se se deteriorar, isso tem reflexos no conjunto do mosaico. O desenho ou a pintura deixa de ser visível na totalidade. Por isso, cada pessoa (um ladrilho) tem de se manter enquanto tal (de se conservar) para que o mosaico se mantenha intacto. O todo resulta do estado das partes. Em *Um caminho Novo* (2004: pg. 42), o final do livro remete para a imagem de Chiara Lubich:

A nossa vida não é mais do que uma sucessão de “momentos presentes”. Segundo a experiência da Autora, o concentrar-se no momento presente simplifica a vida e faz-nos ser alegres, desprendidos, livres, humildes, responsáveis, realistas. Além disso, cada pessoa enraizada no “seu” momento presente, qual peça de um mosaico, descobre a dimensão comunitária ou social.

3.3. c) O comboio: a locomotiva e as carruagens

A imagem do comboio na linguagem metafórico-comparativa de Chiara Lubich é muito elucidativa e vai associada à da viagem (a “santa viagem” (1985: 29 e 30), entendida como a vida que cada um deve levar). Escreve em *Cada momento é único* (2008: 63 e 64), falando do “comboio do tempo”, para evidenciar a importância do presente (o momento da vida para intervir):

Dávamos o exemplo do comboio. Do mesmo modo que um passageiro, para chegar ao seu destino, não anda para trás e para a frente, dentro do comboio, mas permanece sentado no seu lugar, assim também nós temos de nos manter firmes no presente. O comboio do tempo caminha por si mesmo.

O comboio, um singular, é o conjunto, enquanto a locomotiva é a cabecilha, a pessoa responsável, e as carruagens são todos aqueles que ainda não conseguem ser locomotivas,

mas essa é a finalidade pela qual todos são responsáveis, segundo a comparação estabelecida pela autora, mas que parece ter sido criada pelos GEN (acrónimo de “Geração Nova”, isto é, jovens do Movimento), como explica a própria: “De facto, para representar a Santa Viagem, muitos Gen desenham ou constroem um comboio. Deus sabe quem é que empurra mais, certamente quem mais ama”. Assume, plenamente, a imagem, afirmando, através da comparação: “tornarmo-nos todos como “locomotivas” e explica (1985: 29 e 30):

Seja como for, a partir deste facto devemos fazer um propósito: neste ano nenhum dos 43 mil que estão a caminho na Santa Viagem se pode dar ao luxo de ser um simples vagão. Todos, locomotivas. Como? Arrastando connosco, nesta corrida para Deus, pelo menos uma pessoa. É este o primeiro propósito.

Chiara Lubich (e cada um dentro do Movimento) é [como] uma locomotiva de um comboio (sg) porque tem de ter ligadas a si carruagens (pl.: outros candidatos à unidade). Aliás, pode apenas ser uma carruagem (“um vagão”) e, a partir daí, é um plural porque a locomotiva, apenas, não faz o comboio (um singular constituído por vários elementos).

3.4. d) A família e os parentes

O último de outros exemplos dados por Chiara Lubich, antes de falecer em 2008, foi o da imagem da família (um singular) no incentivo: “Que todos sejam uma família!”. Já não era a primeira vez que recorria a esta composição linguística, mas é significativo que tenha sido a última. Assim, cada membro do Movimento, sem esquecer ninguém e, por isso, são “todos” o plural que pode ser unificado na “família”. É quase uma impossibilidade reagrupar todos os membros: milhares de pessoas. Porém, foi um pedido muito concreto. Esta imagem retoma a do “povo”, que também poderia figurar neste levantamento, embora se classifique como nome colectivo e não como uma composição.

4. BREVE SÍNTESE: A COMPOSIÇÃO OU A SINGULARIDADE DO PLURAL

Pelo acima exposto, é inquestionável que a interessante tendência linguístico-pedagógica de Chiara Lubich foi uma constante ao longo de toda a sua vida. A finalidade foi sempre a de explicar a todos a sua mensagem (o carisma da unidade). Os meios usados foram linguísticos e manifestam-se, essencialmente, nos recursos estilísticos da comparação e da metáfora. Aliás, a Arte foi um outro veículo de transmissão da mensagem e, com frequência, as palavras de Chiara Lubich transformaram-se em pinturas ou esculturas ou outras realizações (danças, teatros, músicas, etc.), dando a ver e a tocar, o que tinha sido dito, já que, na origem, está a palavra para que se torne vida, para que se torne experiência de cada membro do Movimento (a palavra de vida e as suas experiências). Para realizar

a “unidade” (todos num só – o plural do singular ou o singular do plural) é indispensável lembrar-se do Sol e dos seus raios, do mosaico composto pelos ladrilhos, do comboio formado pela locomotiva e por uma ou mais carruagens, da família, assim como de todos os membros que a integram, representando a (u)topia da Humanidade como uma família, o que o conceito de “unidade” manifesta, transformando o plural – partes constitutivas ou compositivas – num singular – uma composição, isto é, uma composição unitária.

5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AA. VV., **Il dire è dare. La parola come dono e relazione nel pensiero di Chiara Lubich**, CNx: Roma 2017.

ATZORI, M.C. **Risurrezione di Roma. La metafora del “Fuoco”**: alcuni spunti di **analisi testuale– II**, in «Nuova Umanità» XXIV (2002/5) 143, pp. 591-612.

Bi Dizionario Italiano Linguistico e Grammaticale Pittano, Roma, Gulliver Libri, 2º edizione maggio 1995, 1º edizione 1981 – Edizione Calderini.

GUEDES, F. (dir.), **Dicionário Verbo Língua Portuguesa**, com o apoio do Ministério da Educação, Verbo: Lisboa 2006.

LUBICH, Chiara. [Falmi, D. & Gillet, F. (org.)] **A Unidade**, Cidade Nova: Abrigada, 2015.

LUBICH, Chiara. **Escritos Espirituais 3: Todos Um**, Editora Cidade Nova: Parede, 1989, pp. 33-34.

LUBICH, Chiara. **Escritos espirituais 1: A atração do tempo moderno**, Editora Cidade Nova: S. Paulo, 1998, p. 36.

LUBICH, Chiara. Escrito, 27-10-1947, in **Um Caminho Novo**, Editora Cidade Nova: Abrigada, 2004, p. 40.

LUBICH, Chiara. **Um Caminho Novo**, Editora Cidade Nova: Abrigada, 2004, p. 42.

LUBICH, Chiara. “Collegamento”, Hong Kong, 07-01-1982, in **A Vida uma Viagem**, Editora Cidade Nova: Parede, 1985, pp. 29-30.

LUBICH, Chiara. **Cada momento é único**, Editora Cidade Nova: Abrigada, 8.ª edição, 2008, pp. 63 e 64.

LUBICH, Chiara. **Escritos Espirituais 1: A atração do Tempo Moderno**, Editora Cidade Nova: S. Paulo, 1998, p. 51.

LUBICH, Chiara. “De uma conversa com os focolarinos e focolarinas sobre a caridade”, Rocca di Papa, 05-12-1970, in **O Amor ao Irmão**, Editora Cidade Nova: Abrigada, 2013, pp. 43 e 44.

LUBICH, Chiara. Rocca di Papa, 05-01-1984, in **A Vida: uma Viagem**, Editora Cidade Nova: Parede, 1985, pp. 157-160.

LUBICH, Chiara. **Parar o Tempo**, Editora Cidade Nova: Abridada, 2001, pp. 58-62.

ROSSI, Anna Maria. Sui sentieri letterari della Favola fiorita, in **Nuova Umanità**, XXXVIII (2016/2) 222, pp. 137-150.

Ver também

<http://www.centrochiaralubich.org/it/chiera-lubich/pubblicazioni.html>

ANEXOS

Levantamento de metáforas e comparações da imagética de Chiara Lubich

(Por Rita Basílio e Vera Lusa)

O raio de sol

“Muitas vezes, perguntámo-nos: “Mas se para nos tornarmos santas é necessário rezar, rezemos todo o dia; se é necessário usar cilício, levemo-lo noite e dia; ... se é necessário bater-nos com correntes, façamos o mesmo... o que devemos fazer? O que é que Deus quer de nós?”.

Pareceu-nos entender que os santos deviam ser imitados, sobretudo, no fazer – como eles sempre fizeram – a vontade de Deus. Foi, de facto, a vontade divina feita por cada um deles que os tornou obras-primas de Deus, que reflectem a infinita verdade de Deus Amor. Só, assim, as penitências corporais e espirituais encontrariam o seu lugar na nossa vida espiritual.

Deus, amar a Deus, é, para O amar, fazer a Sua vontade.

Mas Deus e a Sua vontade coincidem: caminhar na vontade divina era caminhar em Deus.

Exemplos pequenos, mas úteis, iam-nos esclarecendo estes conceitos.

Deus era como o sol e a cada um de nós d’Ele chegava um raio: a vontade divina sobre mim, sobre a minha companheira, sobre a outra. Único era o sol, vários os raios, embora, sempre, “raios de sol”.

Um único Deus, uma única vontade, diferente para cada um, mas sempre vontade de Deus.

Era necessário caminhar no próprio raio sem nunca sair dele.

Caminhar nele durante o tempo que tínhamos. Agora, depois, amanhã. Fazer a vontade de Deus, neste momento, depois passado este, no momento seguinte, até ao momento final do qual dependerá a eternidade.”

(Chiara Lubich, *Escritos Espirituais 3: Todos Um*, Editora Cidade Nova, Parede, 1989, pp. 33-34)

O raio de sol

“Não a minha vontade, mas a tua seja feita” (Lc 22,42).

Esforça-te por permanecer na Sua vontade e que a Sua vontade permaneça em ti. Quando a vontade de Deus for feita na terra como no Céu, o Testamento de Jesus estará realizado.

Olha o Sol com os seus raios.

O Sol é o símbolo da vontade divina, que é o próprio Deus. Os raios são esta divina vontade sobre cada um. Caminha para o sol na luz do teu raio, diverso, distinto de todos os outros, e realiza o particular, maravilhoso desígnio que Deus tem sobre ti.

Infinito número de raios, todos provenientes do mesmo Sol... única vontade, específica sobre cada um.

Os raios, quanto mais se aproximam do Sol, mais se aproximam entre si. Também nós, quanto mais nos aproximamos de Deus, pela observância sempre mais perfeita da vontade divina, mais nos aproximamos entre nós.

Até sermos todos um.”

(Chiara Lubich, *Escritos espirituais I: A atração do Tempo moderno*, Editora Cidade Nova, S. Paulo, 1998, p. 36)

O raio de sol

“Observa o Sol e os seus raios.

Os raios são esta divina vontade sobre cada pessoa.

Caminha para o Sol sob a luz do teu raio, diferente e distinto de todos os outros, e realiza o maravilhoso e especial plano que Deus quer de ti.

É infinito o número de raios, mas todos provêm do mesmo Sol: há uma única vontade, mas especial para cada pessoa.

Os raios, quanto mais se aproximam do Sol, mais se aproximam uns dos outros.

Assim também nós (...) quanto mais nos aproximamos de Deus, mediante o cumprimento cada vez mais perfeito da divina vontade, mais nos aproximamos entre nós (...) até sermos todos – diz a carta – uma coisa só.”

(Chiara Lubich, *Escrito*, 27-10-1947, in *Um Caminho Novo*, Editora Cidade Nova, Abridada, 2004, p. 40)

Pequenos sóis

“Terceiro ponto: *o amor ao próximo*. A vontade de Deus é Deus e Deus é Amor. A Sua vontade é, portanto, amor. Ele quer que também nós amemos: que o amemos a Ele com todo o coração, a alma e a mente, e amemos cada próximo como a nós mesmos (cf. Mt 22, 37-39).

Também nós devíamos ser, na vida, amor: pequenos sóis ao lado do Sol.”

(Chiara Lubich, *Um Caminho Novo*, Editora Cidade Nova, Abridada, 2004, p. 42)

O comboio e a locomotiva

A Vela Acesa

“Caríssimos:

Hoje, mando-vos uma saudação de Hong-kong.

Começamos então o ano de 1982. Concluiu-se um ano da Santa Viagem. Agradecemos a Deus. Esperemos que com tensão à santidade, que ela comportou, tenhamos podido cantar o Te Deum por termos cometido menos pecados e oferecido mais actos de amor.

Agora, em 1982, devemos dar um toque no acelerador. Nestes dias, o Extremo Oriente levou-nos a fazer vários propósitos. Digo-vos dois: O primeiro é este: tornarmo-nos todos como “locomotivas”. De facto, para representar a Santa Viagem, muitos Gen desenham ou constroem um comboio. Deus sabe quem é que empurra mais, certamente quem mais ama.

Seja como for, a partir deste facto devemos fazer um propósito: neste ano nenhum dos 43 mil* que estão a caminho na Santa Viagem se pode dar ao luxo de ser um simples vagão. Todos, locomotivas. Como? Arrastando connosco, nesta corrida para Deus, pelo menos uma pessoa. É este o primeiro propósito.

Depois, o segundo: contactando com os nossos irmãos budistas soubemos que um dos seus símbolos é a vela apagada. Ela significa mortificação total, completa ausência de desejos. E são admiráveis pelo modo como põem isto em prática.

Nós cristãos, pelo contrário, temos a ela acesa. De facto, Jesus trouxe-nos a graça, a vida divina acendeu o foco no nosso coração. Com ele podemos e devemos amar Deus e o próximo. Desta maneira morre também em nós aquilo que é terreno, apagam-se os desejos e as paixões. E, então, eis o segundo propósito: velas acesas!

Portanto, locomotivas e velas acesas, estes quinze dias.

**Tantos eram naquela data os membros do Movimento a quem chegava o “Collegamento”.*

(Chiara Lubich, “Collegamento”, Hong Kong, 07-01-1982, in
A Vida uma Viagem, Editora Cidade Nova, Parede, 1985, pp. 29 e 30)

Comboio do tempo

“Nos primeiros tempos do Movimento, a qualquer momento poderíamos perder a vida porque não estávamos bem protegidas contra os bombardeamentos. E ao perguntar a nós próprias: “Quando é que temos de amar a Deus fazendo a Sua vontade?”, compreendemos logo: “Agora, neste momento, porque não sabemos se haverá um “depois”.

O único tempo que tínhamos nas nossas mãos era o momento presente. O passado já passara, o futuro não sabíamos se chegaria. E dizíamos: o passado já não existe, ponhamo-lo na misericórdia de Deus. O futuro ainda não chegou. Vivendo o presente, viveremos bem também o futuro, quando for presente.

Que insensatez é – comentávamos – viver no passado, que não volta, ou num futuro que talvez nunca venha a existir e que, por enquanto, é imprevisível!

Dávamos o exemplo do comboio. Do mesmo modo que um passageiro, para chegar ao seu destino, não anda para trás e para a frente, dentro do comboio, mas permanece sentado no seu lugar, assim também nós temos de nos manter firmes no presente. O comboio do tempo caminha por si mesmo.

E, presente após presente, chegaremos ao momento do qual depende a eternidade.

Amando a vontade de Deus no momento presente, com toda a alma e com todas as forças, teremos a possibilidade de cumprir, durante toda a nossa existência, o mandamento de amar a Deus com todo o coração, com toda a alma e com todas as forças”.

(Chiara Lubich, *Cada momento é único*, Editora Cidade Nova, Abrigada, 8.^a edição, 2008, pp. 63 e 64)

O nosso destino é como o dos astros

“O nosso destino é como o dos astros: se giram, existem, se não giram inexistem. Nós existimos – entendendo-se que vive em nós não a nossa vida, mas a de Deus – se não cessamos um instante de amar. O amor nos insere em Deus, e Deus é o Amor.

Mas o Amor, que é Deus, é luz e com a luz vemos se o modo como nos aproximamos e servimos o irmão está em conformidade com o coração de Deus, está como o irmão gostaria, como ele sonharia se tivesse a seu lado não nós, mas Jesus.”

(Chiara Lubich, *Escritos Espirituais 1: A atração do Tempo Moderno*, Editora Cidade Nova, S. Paulo, 1998, p. 51)

Como num baloiço

“É necessário “rendermo-nos” à vontade de Deus. Porque se nos rendermos, sem resistência, a graça actual que temos para viver o momento presente funciona. E funciona sob a forma de inspiração, de estímulo à vontade, ilumina-a e entusiasma-a. Vi como é necessário realmente “rendermo-nos”, no sentido de que é preciso arrancar o último fio da nossa vontade e abandonarmo-nos completamente como acontece em cima de um baloiço, quando, largados de um lado vamos totalmente para o outro lado.”

(Chiara Lubich, *Cada momento é único*, Editora Cidade Nova, Abrigada, 8.^a edição, 2008, p. 70)

A linfa

Um diamante

O fogo

“Não devo nunca esquecer que a realidade está dentro de mim e que devo dar aos irmãos sobretudo a linfa que vem de dentro da alma, que é a voz suave de Deus, que incita e ilumina.

É preciso fazer calar tudo em nós, para em nós descobrirmos a sua voz. E é preciso isolar esta voz, como se extrai um diamante da lama, lustrá-la, exhibi-la, e doá-la no momento oportuno: porque é amor e o amor deve ser doado. É como o fogo que, alimentado com palha e outra coisa, arde; do contrário, se apaga. Corramos, pois a luz fica acesa na alma em que o amor está em movimento, está vivo.”

(Chiara Lubich, *Escritos Espirituais 1: A atração do Tempo Moderno*, Editora Cidade Nova, S. Paulo, 1998, p. 152)

A semente, a raiz e a plantinha

“A caridade, o amor ao próximo, *não é origem humana*, é de natureza divina.

E isto é grandioso. E isto pode ter consequências impensáveis, uma incidência sobre a humanidade incomparáveis, pela diferença entre caridade e qualquer amor humano.

De facto, os cristãos são gerados por Deus *e amam com o próprio amor de Deus*: são filhos de Deus. (...)

E agora perguntemo-nos: o que é que a caridade ama, quem tem por objeto?

A caridade tem por objeto *Deus e o próximo*.

A caridade, que é Deus em nós, ama a Deus e ama o próximo.

A caridade é semelhante a uma semente depositada por Deus na nossa alma; e, tal como a semente, se encontrar o terreno adequado, dá origem à pequena raiz e à plantazinha, assim também a caridade, na alma que corresponde, se manifesta de duas maneiras: em amor a Deus (a raiz) e em amor ao próximo (a plantazinha).

Notamos, imediatamente, que a raiz é mais importante do que a plantazinha. Enquanto aquela existir, podemos esperar pela plantazinha. Mas não vice-versa. Mesmo se a planta, em contacto com o sol, com o oxigénio do ar e por diversos outros motivos, dá um seu contributo para o desenvolvimento do todo.

Assim, nós sabemos que é o amor de Deus que nos impele a amar o próximo. Já desde o início da nossa nova vida nós queríamos ter só Deus como ideal, mas Ele explicou-nos o que é que isso implicava.

E sabemos que o amor ao próximo aumenta em nós o amor de Deus.”

(Chiara Lubich, “De uma conversa com os focolarinos e focolarinas sobre a caridade”, Rocca di papa, 05-12-1970, *in* O Amor ao Irmão, Editora Cidade Nova, Abrigada, 2013, pp. 43 e 44)

A viagem de avião

A bússola

“Caríssimos:

Também o encontro de Natal, com as mais de oitocentas focolarinas, se concluiu com um pequeno pacto que desejo comunicar a todas e a todos os internos.

Vimos como o chamamento a seguir Jesus Abandonado de modo radical não se realizou só uma vez, isto é, no início do Movimento.

De facto, durante estes anos, de vez em quando o Senhor sublinhou-no-lo com episódios ou considerações especiais.

Assim aconteceu comigo em 1954. É um episódio conhecido, mas que é útil recordar. 1954 era um ano importante para nós: pela primeira vez um focolarino tornava-se sacerdote. Eu devia ir de Roma a Trento para assistir à ordenação do Pe. Foresi pelo Arcebispo de Trento. Mas como não estava bem de saúde, tinha-se pensado que eu fizesse grande parte da viagem de avião. Logo que subi para o aparelho, uma hospedeira muito gentil, para me tornar a viagem mais agradável, pensou em convidar-me a entrar na cabina de pilotagem. Naquele lugar fiquei imediatamente impressionada com o magnífico panorama que dali podia observar: amplo, completamente descoberto, graças à carlinga totalmente envidraçada.

Mas não foi o panorama que mais impressionou o meu espírito. Foi antes uma sumária explicação do piloto sobre aquilo que é importante para pilotar um avião. Disse-me que, para fazer uma viagem directa e segura, era necessário, antes de tudo, fixar a bússola sobre o ponto de chegada. Depois, ao longo do trajecto, deveria estar atento para que o avião nunca se desviasse da rota estabelecida.

Ouvindo esta explicação, fiz imediatamente no meu espírito uma comparação entre aquilo que é uma viagem de avião neste mundo, e aquilo que é a viagem da vida: hoje diria a «Santa Viagem». Pareceu-me compreender que também aqui era necessário fixar à partida, com precisão, a rota, o caminho da nossa alma, que é Jesus Abandonado. Depois, ao longo de todo o trajecto, fazer só uma coisa: permanecer-Lhe fiel. Sim, a via à qual Deus chama todos nós é apenas esta: amar Jesus Abandonado sempre.

Isto significa abraçar todas as dores da própria existência. Significa pôr em prática o amor, adequando sempre a nossa vontade à Sua, «matando» a nossa para deixar viver a Sua. Amar Jesus Abandonado significa conhecer a caridade; saber como se deve fazer para amar os próprios próximos (como Ele, até ao abandono).

Amar Jesus Abandonado sempre significa pôr em prática todas as virtudes, que Ele, naquele momento, viveu manifestamente de modo heróico.

No dia 31 de Dezembro de 1983 ocorreu o terceiro aniversário da Santa Viagem. E nós perguntámo-nos: em que ponto nos encontramos? E dentro de nós, um desejo fortíssimo de não perder mais tempo nenhum.

Pois bem, eu penso poder afirmar que fixar a bússola da nossa alma em Jesus Abandonado é o que de melhor podemos fazer para continuar a concluir a viagem santa e para a percorrer também com certa facilidade.

Se, como pude observar, o piloto tem sempre os movimentos livres e não usa rédeas como para guiar um cavalo, nem volante como para conduzir um automóvel, também nós, se orientarmos a agulha da nossa bússola espiritual para Jesus Abandonado, não teremos necessidade de outros meios para chegarmos seguros à meta.

E, como na viagem de avião, não se experimentam as surpresas das curvas, porque se prossegue em linha de ar, nem se conhecem as montanhas, porque nos colocamos imediatamente a uma boa altitude, também na nossa viagem, com o amor a Jesus Abandonado, colocamo-nos logo lá no alto, não nos metem medo os imprevistos, nem se sente tanto o esforço das subidas, porque, por Ele, todas as surpresas, esforços e sofrimentos são já previstos e esperados.

Fixemos, pois, a bússola em Jesus Abandonado e permaneçamos-Lhe fiéis.

Como? Pela manhã, logo ao acordar, apontemos a agulha para Jesus Abandonado com o nosso «Eis-me aqui» o qual vos falei. Depois, durante o dia, de vez em quando, demos-lhe uma olhadela: vejamos se estamos sempre na rota certa com Jesus Abandonado. Se assim não for, com um novo «Eis-me aqui» recomponhamo-nos e a viagem não ficará comprometida.

Caríssimos, foi este o pacto que fizemos com as focolarinas. É este o convite que apresento hoje a todos nós.

Se fizermos a viagem de vida na companhia de Jesus Abandonado, também nós poderemos repetir no final, como Pina (Pina de Vettori, focolarina dos primeiros tempos do Movimento, falecida em 5.12.1983, depois de longo sofrimento no amor a Jesus Abandonado): “Vai com segurança, alma minha, porque tens um bom companheiro no teu caminho. Vai, porque Aquele que te criou, olhou sempre por ti e santificou-te”.

Se assim fizermos viveremos também com perfeição a Palavra de Vida do mês de Janeiro: “Quando for elevado da terra, atrairei todos a Mim” (Jo. 12,32).

E recolheremos frutos, frutos, frutos, para o «ut omnes».

(Chiara Lubich, CH, Rocca di Papa, 05-01-1984, in
A Vida: uma Viagem, Editora Cidade Nova, Parede, 1985, pp. 157-160)

Peça de um mosaico

“A nossa vida não é mais do que uma sucessão de “momentos presentes”. Segundo a experiência da Autora, o concentrar-se no momento presente simplifica a vida e faz-nos ser alegres, desprendidos, livres, humildes, responsáveis, realistas. Além disso, cada pessoa enraizada no “seu” momento presente, qual peça de um mosaico, descobre a dimensão comunitária ou social.”

(Chiara Lubich, *Um Caminho Novo*, final do livro – remete para Parar o tempo)

Ladrilhos de um mosaico

“Às vezes, temos a impressão (e nós cristãos somos muitas vezes acusados disso) de que, vivendo a nossa fé com coerência – quer dizer, tendo em vista a Vida que virá e aguardando a morte, que é a porta para ela -, levamos uma existência um pouco despreocupada da terra e dos interesses deste mundo. Interesses que representam, muitas vezes, o bem da humanidade.

A verdade é que, se vivermos sempre com a profunda consciência de não saber “nem o dia, nem a hora”, concentramo-nos mais facilmente no hoje que nos é dado, no afã de cada dia, no momento presente que a Providência nos oferece, para que o vivamos. E nele se recebem e se vivem, com todo o nosso ser, alegrias e dores, fadigas e resultados.

É deste modo que a vida desta terra se vive realmente. Enquanto que, pelo contrário, sem a perspectiva de que mais tarde ou mais cedo teremos de partir daqui, leva-se, na maior parte das vezes, uma existência superficial, numa atmosfera de ilusões, de sonhos, de algo para o qual se tende sempre e que talvez nunca se realize.

Viver o presente, além disso, não nos leva a esquecer o futuro nesta terra, nem nos impede de fazer projectos para o nosso bem e o bem dos outros: os filhos, a família, a comunidade em que estamos inseridos..., a humanidade inteira.

Viver o presente também não nos faz esquecer o passado, com o seu património de pensamento, heroísmos e conquistas.

De facto, os cristãos, se o forem realmente, não podem deixar de ter no coração o amor para com todos os homens. Esta é a sua natureza, a sua prerrogativa. Elevados à condição de filhos de Deus, possuem o amor por excelência, o mesmo amor que Cristo tem pelo Pai: a caridade.

Através da caridade, os cristãos sentem-se incorporados em toda a humanidade, como pequenos ladrilhos de um maravilhoso mosaico, em parte já composto e em parte não.

Amam a humanidade de ontem como a de hoje e a de amanhã.

Abeiram-se daquilo que ela nos transmitiu, com o respeito de quem sabe que se aproxima de alguém e de algo que lhes pertence; com a humildade de quem está convencido que tem de aprender; com a consciência de ter que o transmitir – enriquecido com o seu esforço pessoal – às gerações futuras.

Se depois, no momento presente da sua vida, os cristãos compreenderem que Deus quer que pensem no futuro, fazem-no com todo o zelo, não por eles, mas por amor a quem vem a seguir, seja ele conhecido ou desconhecido.

Este sentir-se um com a humanidade passada, presente e futura; este amar os outros como a si mesmo é, para o cristão, a mola poderosa que o torna apto e válido para construir hoje e planificar uma vida melhor para o futuro.

Em conclusão, é precisamente a perspectiva da outra Vida e a observância das leis para chegar a ela – concentradas no mandamento do amor a todos – que nos torna não só cristãos perfeitos, mas também homens autênticos, como requer a época moderna e exige a sociedade de hoje e, sobretudo, como nos quer Deus neste século.”

(Chiara Lubich, *Parar o Tempo*,
Editora Cidade Nova, Abrigada, 2001, pp. 58-62)